

CAFÉ du BRÉSIL II

1960

L'é



Sambou Sambou
PARIS GADJO CLUB

Sambou Sambou

« *está delicioso* ».

« O Grupo Paris Gadjó Club faz uma música alegre e divertida, como é a nossa música brasileira. O Improviso, e a liberdade, e espírito do jazz estão presentes em cada momento, nos fazendo muito felizes, o que é o objetivo da música.

O Sambou Sambou está delicioso. »

« Le groupe Paris Gadjó Club fait une musique enjouée et divertissante comme l'est notre musique brésilienne. L'improvisation, la liberté et l'esprit du jazz sont présents à chaque instant, nous remplissant de bonheur, ce qui est la finalité de la musique.

L'album Sambou Sambou est délicieux. »

Merci !

João Donato

Rio de Janeiro, Outubro 2020

PARIS GADJO CLUB



©Sabine Segura

De gauche à droite : Pierre-Louis Cas, Stan Laferrière, Laurent Vanhée, Éric Fournier, Christophe Davot. Ci-contre : Hélène Argo



©Thea McMillan

Paris Gadjó Club ou Django meets Brazil

La première vraie rencontre entre le jazz et la musique brésilienne a eu lieu dans les années 1960 via Stan Getz, Coleman Hawkins et quelques autres. En 2018, presque 60 années plus tard, le groupe Paris Gadjó Club, emmené par le guitariste Christophe Davot, publiait *Café du Brésil, Swingin' the Choro*. Un premier disque remarqué, hommage aux grands compositeurs de choro, salué par le grand Hamilton de Holanda lui-même, conjuguant musiques brésieliennes et swing manouche ; une convergence inédite et pourtant si évidente, tant les similitudes sautent aux oreilles, que l'on s'étonne que personne n'y ait pensé avant !

Rappelons tout de même que Django Reinhardt enregistra trois versions de « *Brazil* », superbe samba composée en 1939 par Ary Barroso et dont le vrai nom est *Aquarela do Brasil* (tube considéré à l'époque par les nord-américains comme une « pacotille exotique » et dont Django fera l'un de ses chevaux de bataille) : la première en 1947, une autre à Rome en février 1949 et la dernière, très épurée du 10 mars 1953, « récapitulation de tout ce que Django avait fait et de tout ce qu'il commençait à faire [...] un équilibre parfait entre la richesse de la sonorité et le dépouillement de la phrase » (1).

Avec ce *Café du Brésil II Sambou Sambou*, il ne s'agit pas d'une redite du volume I, mais plutôt d'un prolongement. Si deux choros figurent sur ce nouvel opus, *Carinhoso* de Pixinguinha et *As Rosas Não Falam* de Cartola (ce dernier très joliment chanté par Hélène Argo, invitée sur l'album qui intervient également avec beaucoup d'émotion sur *Saudade da Bahia* de Dorival Caymmi), le groupe explore ici la samba, la musique la plus populaire du Brésil et la plus connue à travers le monde ; la bossa nova à la rythmique plus lente, syncopée et épurée. Ces standards qui ne savent pas vieillir, mêlent sensualité des rythmes, élégance et beauté des mélodies de la musique brésilienne (*O Grande Amor* ou *Samba de Uma Nota Só* de Tom Jobim, *Samba de Verão* de Marcos Valle, etc.) . L'approche reinhardtienne du Paris Gadjó Club les revêt d'habits élégants et fort seyants : instruments à cordes pincées et clarinette (une instrumentation identique à celle du second quintette du Hot Club de France), avec cette pulsation qui bouge et ne bouge pas que l'on appelle la pompe manouche et des choros de guitare à la Django. Ainsi l'on pourrait croire que tous ces morceaux ont été composés dans cette esthétique tant ce traitement original les rend aussi neufs qu'au premier jour.

Si le résultat a si fière allure, c'est aussi et surtout parce que les musiciens de jazz chevronnés qui se sont lancés dans cette aventure musicale et que l'on retrouve dans moult formations, figurent parmi les meilleurs du jazz français qui swingue. Une rythmique souple et légère, redoutablement efficace (Laurent Vanhée, contrebasse, Stan Laferrière et Eric Fournier, guitares), déroule le tapis à des solistes très en verve : Pierre-Louis Cas, au jeu très lyrique et constamment inspiré à la clarinette (cf. son solo sur *Insensatez* de Tom Jobim) et bien sûr Christophe Davot, dont le phrasé sensible et délicat et les chorus remarquablement construits font chanter les notes avec légèreté et une grande fraîcheur d'inspiration (cf. son solo à la Fapy Lafertin sur *O Grande Amor*, par exemple).

Ici, pas d'esbroufe ni de bavardage, mais des notes qui ont un sens et racontent une histoire. Sérénité, finesse, sensibilité et musicalité sont les maîtres mots de ce quintette parfaitement équilibré qui laisse la musique respirer et où chacun a de la place pour s'exprimer.

Ne se contentant pas d'assurer la rythmique, Laurent Vanhée par exemple se fait aussi soliste (cf. son jeu à l'archet et son chorus sur *Carinhoso* et ses interventions sur *Sambou Sambou* de João Donato ou *Só Danço Samba* de Tom Jobim). Sur l'interprétation d'*Insensatez*, renouvelée par la pulsion swinguante de la pompe, c'est Eric Fournier qui se fend d'un chorus aux petits oignons. Ajoutez à cela un vrai son d'ensemble, une mise en place impeccable et des idées d'arrangement originales (sur le bluesy *Triste* de Jobim, le melodica du multi-instrumentiste surdoué Stan Laferrière, qui signe aussi le chorus de guitare sur *Sambou Sambou*, le chorus sifflé par Christophe Davot sur *Fim do Sonho* de João Donato ou l'accélération de tempo judicieuse sur *Samba de Verão*) et vous obtenez un cocktail haut de gamme !

La classe, incontestablement !

Francis Couvreur

Paris Gadjó Club ou Django meets Brazil

O primeiro encontro real entre o jazz e a música brasileira aconteceu na década de 1960 através de Stan Getz, Coleman Hawkins e alguns outros. Em 2018, quase 60 anos depois, o grupo Paris Gadjó Club, liderado pelo violonista Christophe Davot, publicou *Café du Brésil, Swingin' the Choro*, disco dum casamento musical inédito, homenagem aos grandes compositores de choro, saudado pelo próprio grande Hamilton de Holanda, combinando música brasileira e swing cigano; uma convergência sem precedentes e, no entanto, tão óbvia, dado as semelhanças que saltam aos ouvidos, que nos surpreendemos que ninguém tenha pensado nisso antes!

Lembremos ainda que Django Reinhardt gravou três versões de « *Brazil* », soberbo samba composto em 1939 por Ary Barroso, eternizado pelo João Gilberto e cujo verdadeiro nome é *Aquarela do Brasil* (aliás um sucesso considerado pelos norte-americanos na época como uma « pacotilha exótica » e que Django fará um de seus cavalos de batalha), a primeira em 1947, outra em Roma em fevereiro de 1949 e a última, muito refinada de 10 de março de 1953: « recapitulação de tudo o que Django havia feito e de tudo o que ele começava a fazer [...] um equilíbrio perfeito entre a riqueza do som e o despojamento da frase ”(1).

Com este *Café du Brésil II Sambou Sambou*, não temos uma repetição do volume I, mas sim um prolongamento. Se dois choros aparecem nesta nova obra, *Carinhoso* de Pixinguinha e *As Rosas Não Falam* de Cartola (este último muito bem cantado por Héléne Argo convidada nesse disco, que também interpreta com muita emoção *Saudade da Bahia* de Dorival Caymmi), o grupo explora aqui o samba, a música mais popular do Brasil e mais conhecida em todo o mundo, e a bossa nova de ritmo mais lento, sincopado e apurado. Estas canções não envelheceram (*O Grande Amor* ou *Samba de Uma Nota Só* de Tom Jobim, *Samba de Verão* de Marcos Valle etc.) e misturam sensualidade dos ritmos, elegância e beleza das melodias da música brasileira. A abordagem reinhardtiana do Paris Gadjó Club as reveste de roupas elegantes e muito próprias: instrumentos de cordas dedilhadas e clarineta (uma instrumentação idêntica à do segundo quinteto do Hot Club de France), pulsação que se move e não se move que chamamos de “pompe manouche” e solo de guitarra à la Django. Poderíamos até pensar que todas estas músicas foram compostas nessa estética, já que esse tratamento original as torna tão novas como se acabassem de ser criadas.

Se o resultado atinge tal qualidade é também e sobretudo porque os músicos que embarcaram nessa aventura musical são músicos de jazz experientes, que estão entre os melhores do jazz francês do swing e que se encontram em muitas formações. A rítmica flexível, leve, extremamente eficaz (Laurent Vanhée, contrabaixo, Stan Laferrière e Eric Fournier, guitarras), desenrola o tapete para solistas muito animados : Pierre-Louis Cas, com um toque muito lírico e constantemente inspirado pela clarineta (cf. seu solo em *Insensatez*) e, claro, Christophe Davot, dotado dum fraseado sensível e delicado e cujas improvisações admiravelmente construídas fazem as notas cantar com leveza e grande frescor de inspiração (cf. seu solo à la Fapy Lafertin em *O Grande Amor*, por exemplo).

Neste disco, nada de fanfarronice ou conversa fiada, mas notas que fazem sentido e contam uma história. Serenidade, sutileza, sensibilidade e musicalidade são as marcas deste quinteto perfeitamente equilibrado que deixa a música respirar e onde todos têm espaço para se expressar. Não contente em simplesmente dar o ritmo, Laurent Vanhée, por exemplo, também atua como solista (cf. seu arco e seu solo no *Carinhoso* e suas intervenções no *Sambou Sambou* de João Donato e *Só Danço Samba* de Tom Jobim). Na interpretação de *Insensatez*, renovada pelo impulso oscilante do swing cigano, é Eric Fournier quem se divide em um solo caprichado. Adicione a isso um verdadeiro som do conjunto, uma colocação impecável e ideias de arranjos originais (no bluesy *Triste* de Jobim, o melódica do talentoso multi-instrumentista Stan Laferrière, que também assina o solo de guitarra no *Sambou Sambou*, o solo assobiado por Christophe Davot no *Fim do Sonho* de João Donato ou a maliciosa aceleração do tempo no *Samba de Verão*) e você ganha um coquetel de alta qualidade e de grande elegância, com certeza!

Francis Couvreur

Musiciens

Pierre-Louis Cas : clarinette

Christophe Davot : lead guitar, solo sifflé *

Stan Laferrière : guitare rythmique, mélodica**, solo guitare***

Éric Fournier : guitare rythmique, solo guitare ****

Laurent Vanhée : contrebasse

Special Guest

Hélène Argo : chant *****



Crédits

Prise de son Christophe Davot
les 9 et 10 novembre 2019 au studio Boléro

Mixage et Mastering Carl Schlosser
au Studio du Marais

Dessins Anna Marin

Conception visuelle Sabine Segura

Texte livret Francis Couvreur

Traduction textes en portugais du Brésil
Cristina Goldman



Remerciements

Un grand merci au maître pianiste et compositeur **João Donato**,
à **Ivone Belem**, à **Hélène Argo**, **Francis Couvreur**,
Cristina Goldman, **Anna Marin**, **Sabine Segura**,
Oscar Barahona, **Carl Shlosser**, **Roberta Cunha Valente**,
Thierry Brugier et **Aurore Bouit**
de **Embase Système Audio**, **Brahim Haouani**,
Mathias Caron luthier, **Jef Troulard**,
Augustin Bondoux.



Contact

parisgadjoclub@gmail.com

www.parisgadjoclub.com

 [parisgadjoclub_](#)

 [Paris Gadjo Club](#)



Également disponible :

PARIS GADJO CLUB

CAFÉ DU BRÉSIL - Swing the Choro

FA8549



« Ce jeune quintet s'empare du répertoire manouche avec subtilité et originalité. »

Télérama

*« J'ai été très surpris et impressionné par le travail du Paris-Gadjo-Club.
Moi, qui suis né dans l'univers musical du Choro et qui adore le Swing Manouche,
j'ai ressenti une énorme joie en entendant le mélange des deux.
Un régal pour les oreilles ! »*

Hamilton de Holanda

catalogue



01.	Aquarela do Brasil (Ary Barroso)	3:55
02.	Triste (Antonio Carlos Jobim)**	4:32
03.	As Rosas não Falam (Cartola)*****	4:42
04.	Sambou Sambou (João Donato)**	4:07
05.	Carinhoso (Pixinguinha)	4:42
06.	Samba de Uma Nota Só (Antonio Carlos Jobim)	4:23
07.	Fim de Sonho (João Donato)*	4:36
08.	Insensatez (Antonio Carlos Jobim)*****	4:01
09.	Saudade da Bahia (Dorival Caymmi)*****	4:21
10.	Samba de Verão (Marcos Valle)	4:06
11.	Só Danço Samba (Antonio Carlos Jobim)	3:31
12.	Samba Tokyo (Chiquinho Timoteo) <i>pour Marine</i>	2:49
13.	O Grande Amor (Antonio Carlos Jobim)	4:11

Total Time : 53:56

